

## HUMANISMO, CIÊNCIA E EDUCAÇÃO: O FRACASSO DAS FORMAS DE DOMESTICAÇÃO CLÁSSICAS

Evandro Bilibio (UFFS – [evandro.bilibio@uffs.edu.br](mailto:evandro.bilibio@uffs.edu.br))

### Categoria da apresentação: oral

**Resumo:** Este estudo tem por objetivo discutir a ideia de que uma reapropriação do humano e a conseqüente superação do humanismo clássico encontra-se na ciência/técnica, na medida em que possibilita ao ser humano lançar (um novo) olhar sobre si mesmo e no mundo como nunca antes foi possível. Para tanto, o humano precisa ser (re) pensado à luz da técnica. Sloterdijk percebe a urgência dessa necessidade e o que faltou no pensar heideggeriano, ou seja, é a partir de Sloterdijk que se procura colocar sobre novas bases a ideia de técnica em Heidegger. Contudo, antes disso, serão apresentadas algumas considerações a respeito da técnica/tecnologia e posições de autores com respeito ao problema da técnica com o intuito de que esse procedimento ajude a demarcar e compreender-se melhor a discussão e o problema que está sendo proposto. Essa demarcação implica, necessariamente, o reconhecimento de que proposta humanista somente pode ser pensada como sendo, em si mesma, uma forma de domesticação; da qual deriva, pura e simplesmente, todas as formas de educação. Por outro lado, a aceitação dessas hipóteses deve implicar, necessariamente, na ideia de que a superação do humanismo clássico somente será implementável/possível na medida em que a ideia de educação dos animais não humanos seja, necessariamente, pensada a luz das novas técnicas/ciências disponíveis. Em outras palavras, aquelas de Sloterdijk, antropologia pensada a luz da ciência/técnica, i.e., como antropotécnica. Assim, também, ao serem usados os adjetivos crise e fracasso, bem como o substantivo domesticação para referir-se ao humanismo clássico, entende-se que tais adjetivos aplicam-se integralmente à educação.

**Palavras-chave:** Humanismo; Ciência; Educação; Fracasso; Antropotécnica.



## Introdução

Sloterdijk em sua conferência pronunciada no castelo de Elmau – Alemanha – em 1999 – propõe, entre outras coisas, a inversão parcial da relação entre ôntico e ontológico e recoloca o problema da insustentabilidade do humanismo clássico, qual Heidegger já o fez em *Carta sobre o humanismo*<sup>1</sup>. Nesta proposta pode-se muito bem acrescentar e expandi-la a questão educacional. Portanto, o problema da insustentabilidade reflete de toda forma possível e imaginável sobre o problema educacional. Obviamente que quando de sua conferência, essa não era a intenção de Sloterdijk, bem como aquela de quem ele derivou suas hipóteses, ou seja, de Heidegger. O grande mérito, julgamos, é o caráter heurístico de suas daquela. Aqui, reconstruiremos de modo sucinto o caminho percorrido desta acreditando que os referidos filósofos trouxeram a luz uma questão (no sentido heideggeriano) e/ou problema que não pode mais ser deixada de lado.

A inversão proposta por Sloterdijk implicará que as acusações feitas à técnica dissolvem-se naturalmente<sup>2</sup>, exatamente por carecerem de um fundamento melhor. Exemplos de problemas/questões derivados dessa acusação seriam aqueles antes já mencionados e que dariam margem, por exemplo, a pensarmos em uma oposição entre a técnica (ciência ou tecnologia<sup>3</sup>) e o humano. No sentido em que se optar-se por um, necessariamente, perde-se o outro. Todavia, o humanismo tal qual foi concebido, é *formador de humanos* segundo Sloterdijk. O autor chama atenção para o caráter livresco desse movimento – em suas origens - que ganha fundamento e força através da alfabetização. O livro, enquanto força mediática de formação, é o elo e o símbolo do humanismo. Entretanto, como denunciara, em todas as suas vertentes e recobradas tentativas de refundá-lo fracassaram. Tantos os “nacional-humanismo livresco” foi uma ilusão desmantelada com a primeira grande guerra quanto todos os novos movimentos pós segunda grande guerra tentaram ressuscitar – o humanismo cristão – o pano de fundo de todos eles sempre é o mesmo, qual seja, “[...] o desembrutecimento do ser humano, e sua tese é: as boas leituras conduzem à domesticação.” (SLOTERDJIK, 2000, p. 17). Isso significa de modo resumido que a tarefa do humanismo é tirar o ser humano da barbárie. É contra isso que os humanismos lutam, tirar o ser humano da bestialidade; formar e/ou fabricar humanos.

Todavia, como afirma o próprio Sloterdijk, novos modos mediáticos surgiram com o aparecimento e desenvolvimento das sociedades modernas. A cultura de massa inaugurou novas formas de comunicação, de falar ao outro, de enviar mensagens e todos essas novas formas mediáticas colocam o humanismo em crise, i.e., seu objetivo de humanizar, ou seja, *educar* os não humanos. Isso está diretamente ligado ao fato de que as novas formas mediáticas de formação podem ser tanto inibidoras daquilo contra o qual o humanismo tradicional luta: a bestialização do humano pela desinibição; quanto o seu contrário. Possibilidades e acusações que, também, podem ser feitas aos meios tradicionais do humanismo de enviar mensagens, mas, talvez, não tão perceptíveis assim. Todavia, esse, certamente, é o problema do humanismo.

<sup>1</sup> Sobre o qual, Sloterdijk, constrói o seu discurso na conferência citada, mais tarde, publicada sob o mesmo nome. Tradução Brasileira, ver bibliografia.

<sup>2</sup> *Pseudoproblemas* como diria Wittgenstein.

<sup>3</sup> Aqui, ciência, técnica e tecnologia não são distintas em seus níveis mais elementares, no qual o que importa é o *para quê* e não o *o quê* elas são.



Mas, diante desse quadro em que a obra/livro, enquanto força mediática parece ter fracassado diante do aparecimento das novas técnicas de domesticação, não seriam (ou poderiam) a própria técnica assumir o lugar e ser o novo símbolo mediático? É isso que se julga estar nas entre linhas do pronunciamento de Sloterdijk e que se pretende apresentar como uma possibilidade plausível. Porque a técnica, pensada em todas as duas vertentes, não poderia ser, agora, a responsável pela humanização dos animais não humanos?<sup>4</sup>

É claro que, talvez, nesse ponto, seja necessário fazer-se uma diferenciação entre a técnica enquanto um conjunto de meios didáticos e/ou pedagógicos usados para formação de humanos e a técnica aplicada aos humanos. O que não será feito por Heidegger; o motivo disso está no fato de que, Heidegger, percebe o pano de fundo sobre o qual a concepção de humano foi construída que e está à base da possível distinção mencionada. Fundamento comum que outros também, perceberam, mas não deram continuidade. A pergunta de Jean Beaufret<sup>5</sup>, feita em sua famosa carta endereçada a Heidegger e mais tarde publicada aponta nessa direção. Sua pergunta, portanto, não é uma pergunta feita a esmo, é sintomática e representa um momento histórico importante de uma concepção de humano (crise) que se mostra insustentável em seus fundamentos. Direção (pano de fundo) que para Heidegger, deve ser *abandonada*.

Ela perdeu o sentido, pela convicção de que a essência do humanismo é de carácter metafísico e isto significa, agora, que a metafísica não só não coloca a questão da verdade do ser, mas a obstrui, na medida em que a Metafísica persiste no esquecimento do ser. (HEIDEGGER, 1987, p. 73)

Sloterdijk procurará mostrar que Heidegger deixou de lado – ignorou em suas palavras – a existência de uma história dos seres humanos *na clareira* – a qual, para Sloterdijk, é uma “história social” – uma “história social das domesticações” – não nos parece que Heidegger tenha assim feito. Mas, certo estamos, que a deixou em suspenso, ao largo de seu discurso. O que nos interessa é, agora, a questão se a própria técnica não ocupou o lugar *por excelência* de domesticadora, ou seja, o que nos tornará/contribuirá para sermos humanos na clareira?!? E, desse modo, realizarmos a nossa essência puramente metafísica, da qual, o *cuidado*, é expressão<sup>6</sup>.

Diante disso, diz Sloterdijk: “Pois o fato de que o homem pôde tornar-se o ser que está no mundo tem raízes na história da espécie [...]” (SLOTERDIJK, 2000, p. 34), mais adiante “Se o homem está-no-mundo, é porque toma parte de um

<sup>4</sup> Levando-se em consideração que a técnica nunca tenha tido esse papel. Todavia, se for lembrado e aceito a argumentação de Alan Weisman em sua obra *O Mundo sem Nós* e a tese de Sloterdijk de que já em Platão há o esboço de uma antropotécnica que foi implementada de diferentes modos ao longo do séculos, principalmente pelo cristianismo, essa tese não tem nada de nova. A diferença é que, agora, julga-se que foram alcançadas as condições ideais para que se possa pensar que isso é mais plausível que antigamente.

<sup>5</sup> *Comment redomner un sens au mot “humanisme”*

<sup>6</sup> Não esqueçamos do carácter relacional histórico e historial implícito à noção ser-no-mundo, orientadora e determinante de todo discurso heideggeriano.



movimento que o traz ao mundo e o abandona ao mundo.” (*Idem*) - esse é o *hiper-nascimento* segundo Sloterdijk – uma espécie de segundo nascimento, o nascimento que inaugura a entrada no mundo, o nascer metafísico. O qual, somente passa a ser possível por termos optado pela domesticação, pelo estar em casa propriamente dito. Isso justifica e legítima a clareira, na medida em que ela é o resultado de um processo de recusa do homem a sua natureza animal. Diante dessa, a clareira é o que resta. “A clareira é ao mesmo tempo campo de batalha e um lugar de decisão e seleção.” (SLOTERDIJK, 2000, p. 37). Agora, para Sloterdijk é dentro dos limites dados por esse espaço vital que – independente de uma “pastoral filosófica” – tudo se dá, ou seja, “[...] deve-se decidir no que se tornarão os homens que as habitam; decide-se, de fato e por atos, que tipo de construtores de casas chegarão ao comando.” (*Idem*) - Sloterdijk citará, ainda, *Zaratustra* de Nietzsche como obra na qual, seu autor, já havia tido a mesma intuição.

Diante do exposto o discurso heideggeriano sobre a clareira parece ser o resultado inevitável e determinante do ser-no-mundo. Ela tem um duplo aspecto, é o resultado da ‘domesticação’ – mas também, o lugar de ‘criação’ de humanos. Esse último aspecto é o que perturba, o que coloca em xeque o próprio humanismo enquanto força domesticadora. Pois, agora, deve-se decidir, dadas as condições atuais de desenvolvimento, até onde se quer ir com o projeto do humanismo. Nas palavras de Sloterdijk “A tese do ser humano como criador de seres humanos faz explodir o horizonte humanista [...]” (grifo nosso) (SLOTERDIJK, 2000, p. 39) Horizonte que é, contudo, oculto ao próprio propósito humanista, mas, sem o qual, como Nietzsche – citado por Sloterdijk – também percebeu como sendo necessário ao sucesso do próprio humanismo.

Todavia, esse espaço é o *horizonte mais sombrio – a face velada da clareira* (expressões de Sloterdijk), contudo, ativo. Ao qual o homem produz-se a si mesmo como seres menores, submete-se passivamente. “Eles próprios se submeteram à domesticação e puseram em prática sobre si mesmos uma seleção direcionada para produzir uma sociabilidade à maneira dos animais domésticos” (SLOTERDIJK, 2000, p. 40) – Sloterdijk julga, com isso, ter identificado a *peculiar crítica ao humanismo* de Nietzsche e àqueles que detêm o monopólio do processo de criação, de domesticação daqueles que se encontram na clareira: padres e professores. Nietzsche, teria, segundo Sloterdijk percebido esse conflito – essa ambiguidade – esse duplo aspecto – do qual, o *Übermensch* representaria um passo para além dos limites da própria clareira, i.e., daquele espaço vital em que o ser humano repousa (não uma volta a bestialidade, ou uma volta a um estado anterior a domesticação, lembra Sloterdijk).

Essas ideias, jazem ocultas, ao humanismo – o impensado, contudo, permanecem não somente como fundamento, mas confundem-se ao serem, também sua meta. Isso é o resultado do processo de esquecimento do ser heideggeriano. Esquecimento para o qual, está oculta a diferença ontológica e possibilita que o ser-no-mundo seja concebido tão somente dentro da categoria ontológica do tempo presente. A modernidade seria o resultado de um erro remontável aos gregos e que, com o tempo, apenas criou novos processos que, cada vez mais, ocultaram o verdadeiro problema, o problema filosófico, a diferença ontológica. Domesticar e criar humanos seria um traço, então, inicial, um pano de fundo e uma meta que, desde os gregos permaneceu oculto e impensado.

E, nesse campo de batalha, o sucesso ou não da civilização dependerá do quão competentes sejam os homens em *encaminhar procedimentos efetivos de autodomesticação*. Tudo isso aparece como uma possibilidade futura, contudo,



inevitável. A certos leitores, talvez, pareça que Sloterdijk esteja defendendo a seleção eugênica e que, desse modo, admita como legítimo, em um futuro próximo, a seleção através do genocídio e similares. Ledo engano, a questão principal é que não podemos nos omitir desse processo que, alias, já vem desde a antiguidade e que, oculto, subjaz ao humanismo clássico. Todavia, desempenhando um papel ativo e cada vez mais presente. O problema é que chegamos a um ponto em que não há mais como negar isso que, antes, mesmo subjacente ao humanismo, podia-se ignorar. Desse modo, não concorda-se com a ideia de que houve uma perda de controle daquele processo antes apresentado ao ponto de sermos vítimas desse mesmo processo. Nesse caso, a questão parece ser a mesma denunciada por Zizek ao lembrar a lição hegeliana da Bela Alma<sup>7</sup> – assim, fazemos aos grandes feitos modernos, os reduzindo a motivos vis, privados e perversos de quem os realiza. Ou, ainda, procurando esconder o que não pode mais ficar oculto – que os processos de autodomesticação constituem o pano de fundo e objetivos do humanismo clássico – e diante disso, produz-se uma montanha de cadáveres para esconder o que todos já veem e, essa montanha de cadáveres chama-se metafísica ocidental ou, se quiserem, o esquecimento do ser. Isso explica o porquê convivemos tão bem com a “catástrofe” eminente, o porquê ela não nos é “alarmante”; porque não nos parece próximo, familiar e habitual o suficiente de modo a não exigir nenhum procedimento ou ato desesperado.

## Bibliografia

- ARENDDT, H. 1997. A Condição Humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- CHANGEUX, JP. 1993. Fundamentos naturais da ética. Lisboa: Instituto Piaget.
- FREUD, S. 1997. O mal-estar na cultura. Porto Alegre: L&PM Pocket.
- HABERMAS, J. 1997. A técnica e Ciência como ‘Ideologia’. Lisboa: Edições 70.
- HEIDEGGER, M. 1987. Carta sobre o Humanismo. Lisboa: Guimaraes Editores.
- \_\_\_\_\_. 1997. A Questão da Técnica. In Cadernos de Tradução. São Paulo: Edusp.
- \_\_\_\_\_. 2007. A questão da técnica. In scientiæ studia, São Paulo, v. 5, n. 3, 375-98,
- NIETZSCHE, F. 1996. A Gaia Ciência. Coleção os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural.
- SAFRANSKI, R.. 2000. Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal. São Paulo: Geração Editorial.
- SARTRE, JP. 1997. O ser e o Nada. Rio de Janeiro.
- SINGER, P. 2002. Ética Prática. São Paulo: Martins Fontes.
- SCHNÄDELBACH, H. 1981. Filosofia em Alemanha, 1831-1933. Madrid: Catedrad.
- SLOTERDIJK, P. 2000. Regras para Gerir o Parque Humano: Uma resposta à carta de Heidegger sobre o Humanismo. São Paulo: Estação Liberdade.
- STEIN, E. 2000. Diferença e Metafísica: Ensaios sobre a desconstrução. Porto Alegre: Edipuc.
- VATTIMO, G. 2007. O Fim da Modernidade: Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes.
- WEISMAN, A. 2007. O mundo sem nós. São Paulo: Editora Planeta do Brasil.
- ZIZEK, S. 2011. Em defesa das causas perdidas. São Paulo: Boitempo.

<sup>7</sup>

Ver obra referenciada, p. 112 e seguintes.

